

RS pesquisa Aids na universidade

Quase 64% das mulheres e 35% dos homens entre 619 alunos da UFRGS não se previnem contra doença

LINA DE ALBUQUERQUE

PORTO ALEGRE — Embora a epidemia da Aids preocupe a maioria dos universitários gaúchos, a maior parte dos estudantes de cursos superiores de Porto Alegre não toma cuidados

para não contrair a doença. Uma pesquisa realizada pelos alunos do terceiro semestre da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), orientada pelo monitor Levy Mello, revelou que 63,9% dos universitários de sexo feminino e 35,7% do sexo masculino não adotam medidas preventivas contra a Aids. O estudo foi apresentado ontem pelos alunos Gustavo Carvalho e Chau Huang na 42ª reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Os pesquisadores aplicaram 1.077 questionários em 5% do total de alunos de cada um dos 16 institutos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em Porto Alegre. O item relativo à prevenção, no entanto, foi respondido somente por 619 alunos que mantêm uma vida sexual ativa. A maioria dos entrevistados soube identificar o sangue e o esperma como formas de contágio da Aids. Mas houve uma incidência significativa de respostas que mostraram desinformação — 9,6% por

exemplo, não consideraram as relações homossexuais como fator de risco.

PARCEIRO ÚNICO

O tipo de prevenção mais comum adotado é a conduta de manter relações sexuais com um único parceiro (24,6%). A pesquisa também revelou que 16,2% dos universitários passaram a ter relações apenas com parceiros conhecidos. A maior parte dos entrevistados, mostra o levantamento, costuma se informar sobre a doença por meio de televisão (49,9%), revista não especializada (17,8%), revista especializada (13,6%) e jornal (13,3%). Entre os estudantes de áreas biomédicas, 91,8% identificaram o uso de drogas injetáveis como possível meio de transmissão de Aids, enquanto que 81,6% dos alunos de outras áreas

também consideram esse fator.

"Até na área de biomédicas há importantes déficits de informações relativas a algumas formas de contágio", observou Gustavo Carvalho. Mesmo não existindo na literatura médica nenhum caso que comprove a transmissão do vírus pelo beijo na boca, 11,3% dos alunos de biomédicas levantaram essa possibilidade — nas outras áreas, apenas 8,3% aventaram essa mesma hipótese.

RECUSAS

O número de recusas para responder à pesquisa (premiada na Semana Científica da UFRGS do ano passado) foi insignificante (1,8%). No entanto, 50% dos estudantes do Instituto de Teologia não quiseram responder o questionário.

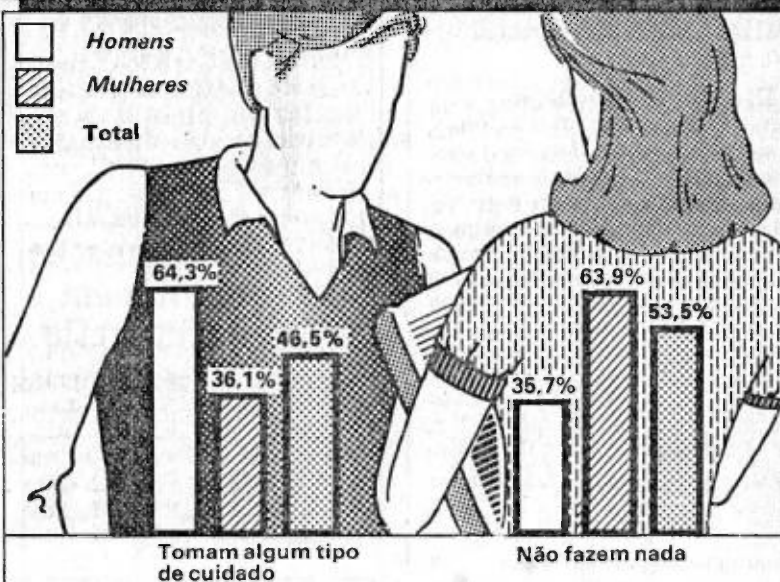
SBPC



1990

Doença não assusta mulheres

Pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul revelou que, entre os estudantes, as mulheres estão menos preocupadas do que os homens com os perigos de transmissão da Aids*



(*) Foram entrevistados 619 universitários